

# Saúde no interior do estado do Rio vai de mal a pior

Luiz Fernando

Alexandre Medeiros

Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pômar amor cantar.  
Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.  
Devagar... as janelas olham.  
Ela vida besta, meu Deus!  
(Cidadezinha qualquer), Carlos Drummond de Andrade

Ainda há poesia no interior, é certo. Mas, verso por verso, o poema de Drummond pode hoje ser contestado. As casas são erguidas sobre charcos, as mulheres saem cedo de casa para vender o corpo aos forasteiros. O amor em qualquer canto, a qualquer preço negociado na hora, sob luzes coloridas. Hoje a poesia se esconde no interior do Rio de Janeiro. Visíveis são as seqüelas desse abandono: a favelização, a poluição dos rios, o crescimento desordenado. E todas as seqüelas atacam um mesmo bem, o mais guardado bem do homem do interior: a saúde.

Os dados, ainda que aquém dos reais, são alarmantes, e as visões estereotípicas. Basta seguir a Rodovia Presidente Dutra, até a Baixada Fluminense, e ali se encontra a hanseníase (lepra) solta nas ruas. Em números subestimados, os quatro municípios da Baixada registraram 7 mil 800 atendimentos a hansenianos no ano passado. Na verdade, os doentes ultrapassam o dobro desse registro. Para o médico Célio Mota, especialista em hanseníase da Secretaria de Estado da Saúde e consultor da Organização Mundial de Saúde (OMS), se os casos não forem controlados, até o final dos anos 90 a Baixada terá tanta hanseníase quanto a África ou a Ásia. Mais um recorde.

O interior é farto de exemplos da falha estrutura de saúde do Estado para o controle de doenças. De janeiro a julho deste ano, por exemplo, o município de Porciúncula, com 15 mil habitantes, registrou 30 casos de sarampo. A Secretaria de Saúde não sabe explicar a causa do

surto e, como só soube dois meses depois, não pôde combatê-lo. Antes de ser um caso isolado, Porciúncula é uma amostra da rotina.

Nem tudo que reluz é ouro. São Fidélis, o novo Eldorado, com seus 35 mil habitantes, já sofre os reflexos do garimpo que se instalou há dois meses no distrito de Pureza, por onde passa o Rio Paraíba do Sul. A diarreia e as doenças de pele são mais visíveis do que o ouro explorados hoje por cerca de 70 balsas. São Fidélis mostra também que não é só a Secretaria Estadual de Saúde que está despreparada para cuidar do controle de doenças no interior. Os órgãos federais também estão. No ano passado, São Fidélis não registrou casos de dengue. Este ano, apenas de janeiro a julho, registrou 163. A Sucam (Superintendência de Campanhas de Saúde Pública) não fez qualquer trabalho preventivo: só passou lá depois do surto.

Todos esses números fornecidos pela secretaria expressam apenas pingos de chuva em um temporal. É uma cadeia de falhas, como explica o Diretor do Departamento de Epidemiologia e Controle de Doenças, Fernando Laender:

— Os doentes não vão aos postos, muitos se cuidam em casa, com remédios passados por vizinhos. Os postos, sem estrutura, não têm como investigar a dimensão dos surtos. E nós aqui ficamos sem saber o quadro real das doenças no estado. Estamos agora tentando mudar isso. É muito trabalho.

O município de Macaé dá bem a dimensão dessa cadeia. Após a chegada das plataformas da Petrobrás, no início da década, a cidade inchou, sem estrutura para isso. O resultado foi o pior possível: o município hoje apresenta os mais altos índices de sífilis e hepatite do Rio. Há favelas que crescem sobre charcos, bares que proliferam na orla marítima com fossas rudimentares, prostíbulos nas periferias. Há lá um caso notificado de Aids, mas o chefe do Centro de Saúde, Miguel Alexandre, tem conhecimento de outros aidséticos que vieram se tratar na capital.

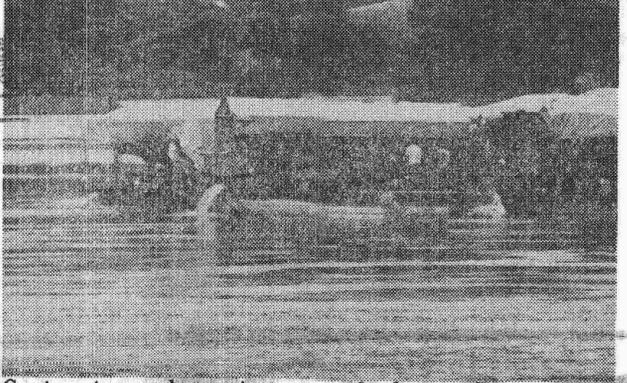
## Um estado doente

Mapeamento feito a partir de dados fornecidos pelo Departamento de Epidemiologia e Controle de Doenças da Secretaria Estadual de Saúde. O mapa registra apenas as indicações que a própria Secretaria avalia como precisas. Os municípios em branco podem também apresentar doenças com grande incidência mas, como sistema de notificação é falho, não há dados seguros para uma avaliação.



## Doenças vieram com o ouro

Fotos de José Roberto Serra



Garimpeiros poluem rio e o resultado é a doença

Eles já são uns 600, amontoados em redes, bebem, cozinham e se lavam com água do Rio Paraíba do Sul, a mesma onde despejam mercúrio e sabão em pó na busca do ouro. Esse novo Eldorado chama-se Pureza, 3º Distrito de São Fidélis, município com população estimada em 35 mil habitantes. Os garimpeiros poluem o rio, sustento de quem mora às suas margens, e a consequência disso são as doenças diarreicas e de pele, sobretudo em crianças.

São Fidélis já passou nos seis primeiros meses deste ano pelo descabido surto de dengue que atingiu praticamente toda a população. O chefe do Posto de Saúde da cidade, Renato Alves, contou que os 163 casos notificados à secretaria não expressam o que foi o surto:

— Lá em casa, todo mundo teve. Foi muito difícil alguém ter escapado nessa cidade. A Sucam só veio aqui depois,

quando todos já tinham se cuidado. É um exemplo do que a gente passa aqui.

Assim como a dengue, as doenças diarreicas e de pele estão subnotificadas. Só os casos que chegam ao Centro de Saúde são anotados. Os doentes que procuram o Hospital Filantrópico Armando Vidal ou o posto do Inamps não são conhecidos pela Secretaria de Saúde.

Os garimpeiros dizem que o ouro trouxe progresso. De fato, o comércio não reclama: vende oito vezes mais sabão em pó do que vendia há um mês. Compradores de ouro de São João Del Rey, Governador Valadares, ambos em Minas Gerais, Califórnia, no Paraná, e até Vitória, do Espírito Santo, enchem os hotéis da cidade. O grama é vendido por CZ\$ 470 e para montar uma balsa um empreendedorista gasta cerca de CZ\$ 700 mil.

Enquanto a cidade cresce com o ouro, as pessoas que se servem do Rio Paraíba do Sul contraem doenças. Sem ver sequer o brilho do metal.

## Sarampo ataca Porciúncula

Silvana Teixeira, 18, mora no Bairro Cristo Rei, ex-Morro da Caixa d'Água Nova, em Porciúncula, e não teve sarampo quando criança. Foi ter este ano, e nem sabia quais eram os sintomas. Procurou um médico em última instância, quando já mal se agüentava de pé:

— Tive febre e fiquei internada cinco dias no Hospital de Porciúncula. O médico não deixou eu sair de lá.

Silvana, logo que ficou boa do sarampo, teve de cuidar da catapora adquirida pelo filho Cristiano, de 1 ano. Mas não levou o menino ao médico. Preferiu cuidar em casa, com conselhos dos vizinhos, e diz que o garoto já está sarando, que as feridas estão secando. Mas ela só acha. O olhar triste do menino não confirma a alta para breve.

No mesmo bairro, um pouco mais acima, mora Izolina Nascimento da Silva, que não se lembra da própria idade, e tem dez filhos, "o mais velho com 20 e poucos, a mais nova com três". Ela perdeu há dois anos o filho José Geraldo, de 3 anos, que morreu com uma broncopneumonia causada por sarampo. Izolina não gosta de lembrar. Nem tem tempo para isso. Tem que cuidar dos filhos que ficaram, todos doentes. Os cinco menores têm coqueluche. Ela os levou ao médico, que receitou um expectorante:

— O remédio só piorou a tosse. Os meninos passaram a cuspir e vomitar muito mais. Aí cortei o remédio e passei a dar a eles xarope de genipapo. Acho que agora eles vão melhorar.

O pediatra Benedito Pereira Mar-



Silvana está curada mas o filho não foi medicado

tins, chefe do Posto de Saúde de Porciúncula, acha que o sarampo, a coqueluche e a hepatite, doenças que atacam o município (população estimada em 15 mil habitantes), estão tanto na zona urbana quanto na rural. Para ele, as principais causas são a subnutrição, a falta de água encanada e saneamento básico. Dos 54 casos de sarampo notificados na Região Norte, de janeiro a julho deste ano, 30 foram registrados em Porciúncula.

## Baixada vai superar África em lepra

No mês passado, um senhor magro de 53 anos, lavrador, procurou o Centro de Saúde de Nova Iguaçu para saber como poderia passar para seu nome uma pensão do INPS até então em nome da mãe, recentemente falecida. Logo que chegou ao Centro, a funcionária desconfiou das manchas e feridas no corpo do lavrador, das gases enroladas nos dedos das mãos, e o encaminhou a exame. José Felipe Filho, o lavrador, é portador da hanseníase há 20 anos, já contagiou a mulher e os filhos, e nunca procuraria o Centro de Saúde, não fosse a pensão da mãe.

— Minha mulher se esconde quando chega visita lá em casa, ela está horrível — conta José Felipe, que pode ter propagado a doença durante esses 20 anos a muitos vizinhos e parentes. O Centro de Saúde de Nova Iguaçu, embora o mais aparelhado da Baixada, não tem recursos nem pessoal para fazer o que os especialistas chamam de busca ativa, ou seja, uma investigação in loco para saber a real dimensão da propagação da doença. Na Baixada, apesar da luta dos médicos e enfermeiras para minimizar o estigma, a hanseníase é mesmo conhecida como lepra e os doentes são discriminados de todas as formas.

José Felipe mora em Jardim Cabuçu, mas o centro não sabe quantos hansenianos há em Jardim Cabuçu. Como não sabe quantos há em Parque Guandu, Bairro Lagoinha, Vila Nova do Couto, Vila de Cava e todas as outras localidades da imensa Nova Iguaçu, onde foram registrados, só no ano passado, 2.900 casos da doença. Nos últimos cinco anos, o número de casos só aumentou. O médico Célio



José Felipe, em 20 anos, contagiou toda a família

Mota explicou que, se esse aumento representa também um aumento da capacidade de diagnóstico, o que é bom, mostra ainda o avanço da doença na região, o que é péssimo:

— Se continuarmos assim, estamos fritos. Até o ano 2000 já teremos superado a África e algumas regiões da Ásia, onde a hanseníase está espalhada por todo o território. Aqui acontece o seguinte: a população não procura o médico e, muitas vezes, quando procura, o médico não sabe diagnosticar. Na maioria dos casos, quando o médico diagnostica, não tem meios para fazer a busca ativa. Assim a doença se propaga.

O mais dramático é que o Estado não dá recursos para o combate à hanseníase. Todas as obras de ampliação nos Centros de Saúde da Baixada, todos os medicamentos, e mesmo pessoal qualificado, são obra e graça de uma entidade conhecida como CERPHA (Comissão Evangélica de Reabilitação de Pacientes de Hanseníase), que representa no Brasil a American Leprosy Mission. Não fosse a CERPHA, os Centros de Saúde de Nova Iguaçu, Duque de Caxias e São Gonçalo não teriam sequer salas para consultas de hansenianos. E o próprio Diretor do Centro de Saúde de Nilópolis afirma que hoje na Baixada a hanseníase é uma doença endêmica.

Nova Iguaçu é o melhor exemplo disso. A enfermeira Helena Leal David trabalha no Centro de Saúde de segunda a sexta, de 7h30min às 16h, para atender uma média de 60 hansenianos por dia. Desses, de 20 a 25 são casos novos. Ela mora em Petrópolis, adora o trabalho que faz, e só lamenta não

poder ir até os locais onde moram os doentes para fazer a investigação epidemiológica que deveria ser uma praxe, e hoje é um sonho:

— Eu queria ir lá, ver quem pegou a doença, mas não dá. Se eu for, quem fica aqui?

Para tentar superar essa deficiência, embora a reconheça insuperável com os meios de que dispõe, o médico José Augusto Nery, do Centro de Saúde de Caxias, criou o MORHAN (Movimento de Reintegração de Hansenianos), que promove festas e encontros com os pacientes, buscando assim com que eles tragam parentes e amigos. Uma tentativa de matar dois coelhos com uma só cajadada:

— Por um lado, a gente pode verificar se esses parentes e amigos são doentes em potencial, e mesmo se, já são hansenianos. Por outro, é uma forma de eliminar a discriminação — defende o médico. O trabalho já tem dado frutos. Que o diga Nair Gertrudes, uma senhora hanseniana de 60 anos, que se trata desde 1981 com o Dr. José Augusto. Ela passou a doença para as duas filhas, e hoje toda a família participa das festas do Centro de Saúde. A próxima é no dia 12 de outubro. Dia das Crianças. Um trabalho duro, sem apoio nenhum do Estado:

— Aqui a gente tenta abraçar o mundo com as mãos e os pés — desabafa o médico. O Centro registra uma média de 70 atendimentos diários de hansenianos. Só na quarta-feira 16 de setembro, até às 14h, o Dr. José Augusto atendeu 53 doentes: sete eram casos novos. A hanseníase está solta nas ruas da Baixada.

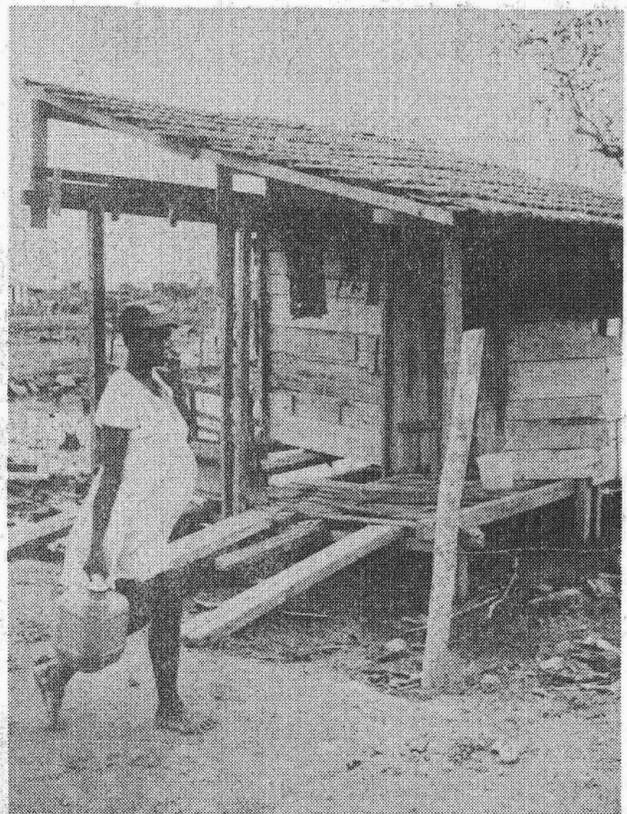
## Macaé bate recorde de sífilis e hepatite

Antes da chegada das plataformas da Petrobrás, visitadas semana passada pelo presidente Sarney, o município de Macaé, hoje com população estimada em 83 mil habitantes, era uma cidade tranquila, em expansão lenta e gradual. Em menos de seis anos, no entanto, a cidade cresceu o que não podia, extrapolou. Hoje, Macaé é um retrato do crescimento desordenado, das migrações descabidas, da especulação imobiliária que atinge favelas. Mais que isso, é uma cidade doente. De janeiro a julho deste ano, 129 casos de sífilis e 144 de hepatite, os mais altos índices do Estado.

Os números da sífilis são tímidos se comparados à realidade. A chefe de Enfermagem do Centro de Saúde de Macaé, Débora Jansen, explicou que os casos notificados são apenas o das mulheres grávidas que vão ao posto para pegar os produtos fornecidos de graça pelo Programa de Suplementação Alimentar. Uma espécie de isca. Quando a gestante vai pegar os alimentos, tem que ser submetida ao Pré-Natal. É aí, com exames de laboratório, que se diagnostica a sífilis. Segundo a enfermeira, é certo que o número de casos de janeiro a julho deste ano seja pelo menos o dobro dos que foram notificados, por um motivo muito simples: os companheiros das gestantes inevitavelmente contraíram a doença.

Para o médico Miguel Alexandre, chefe do Centro de Saúde, a sífilis, assim como a hepatite, é decorrência direta do crescimento desordenado da cidade:

— É uma cidade com migrações, com características portuárias, onde pro-



Virginia, dois filhos, sem marido, está grávida

lifer a prostituição e as condições subhumanas de habitação. Falta saneamento básico, falta rede de esgoto até em área urbana. Não temos medicamentos para combater as infecções e as verminoses, faltam antibióticos e vermífugos. Tenho apenas um carro para fazer tudo. Como a gente aqui vai poder controlar essas doenças?

Fica difícil. Até porque a cidade não pára de crescer por onde pode. E não pode. A favela das Malvinas, criada sobre um charco, mostra essa desordenação. Ali, em um barraco de madeira de 3 x 3m, moram Virginia Lopes, 20, e seus filhos Fábio, 4, e Fernanda, 2. O barraco está sustentado por palafitas sobre a lama:

— Vim morar aqui por necessidade. Morava lá na cidade, mas não pude pagar o aluguel que me pediram, e tive de construir isso aí. Não tenho marido, me sustento sozinha, como a vida deixa — conta Virginia, grávida de sete meses. O médico está desconfiado que ela vai ter gêmeos.

A sífilis se espalha por todos os lados. Os funcionários que trabalham nas plataformas e ficam isolados do mundo por 15 dias voltam ávidos ao continente. Proliferam as casas noturnas e os prostíbulos, mulheres chegam até de Pernambuco para tentar a vida. Os clientes são engenheiros, mecânicos, operadores de máquinas, serventes, auxiliares de serviço que trabalham nas plataformas. São brasileiros, argentinos, filipinos. As mulheres cobram de CZ\$ 500 a CZ\$ 700 para fazer amor, mas "o pessoal da Petrobrás", como se diz, nunca deixa menos de CZ\$ 1.000.